

Fé Atrás das Grades A prisão de cinco jovens de Colatina durante a ditadura¹

Vitor Santana Zanotelli²
Andressa Zoi Nathanailidis³

Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES

RESUMO

Este livro-reportagem relata a história de cinco adolescentes, integrantes de um grupo de jovens da Igreja Católica do município de Colatina. Presos políticos durante a época da ditadura, tais jovens tiveram a história estigmatizada pelos mecanismos do sistema ditatorial. O produto, livro-reportagem intitulado “Fé Atrás das Grades: a prisão de cinco jovens de Colatina durante a ditadura” tem como escopo promover o registro da memória dos envolvidos no caso, resgatar o contexto político e social da época, além de esclarecer fatos que levaram à prisão dos cinco protagonistas dos fatos narrados. Nesse sentido, foi necessário adotar como instrumento metodológico a entrevista em caráter de profundidade, a fim de que pudessem ser obtidos os dados necessários à confecção do produto final.

PALAVRAS-CHAVE: livro-reportagem; ditadura; igreja; jovens; Colatina.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta contar a história de cinco amigos, naturais da cidade de Colatina, ES, que foram presos políticos durante a época da ditadura. No ano de 1971, os rapazes, que frequentavam um grupo de jovens da igreja católica local, foram acusados de planejarem atos subversivos, conspirações e, também, de formação de quadrilha. As acusações culminaram na prisão arbitrária desses jovens, pela Polícia Federal. Entre os garotos havia, inclusive, menores de idade.

O grupo ao qual os adolescentes pertenciam chamava-se JAT – Juventude, Amizade e Trabalho – organizado pelo padre Ozório Lopes, que também foi preso à ocasião. No JAT

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria I – Jornalismo, modalidade JO 11 Livro-reportagem.

² Autor do trabalho. Graduado em Jornalismo pela Universidade Vila Velha, em dezembro de 2013, email: vzanotelli@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Letras, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Comunicação Social/ Jornalismo, pela Universidade Vila Velha (UVV-ES). Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Vila Velha. Email: a.z.n@uol.com.br

os jovens da região reuniam-se para estudos bíblicos; ali também conversavam e participavam de jogos.

Após uma denúncia de origem desconhecida, a Polícia Federal invadiu a sede do grupo, no bairro de Vila Lenira, apreendeu materiais considerados “subversivos”, e depois efetuou as prisões do padre Ozório e dos demais.

Todos os rapazes eram de famílias tradicionais da cidade, conhecidos da comunidade local, e considerados, por todos, “pessoas de boa índole”. Mesmo depois de liberados pela polícia, que não conseguiu reunir provas quanto ao envolvimento do grupo em atividades comunistas, esses jovens tiveram de lidar com os olhares preconceituosos, acusações e comentários negativos, proferidos por vizinhos e colegas de escola.

A prisão dos jovens repercutiu na imprensa estadual. O jornal A Gazeta produziu uma matéria tendenciosa, intitulada “Subversivos Presos em Colatina”, que buscava expor para o público a versão ideológica dos governantes, ao invés da verdade dos fatos, como é possível verificar pelo trecho a seguir:

Um ex-padre – Osório Lopes Soares – e uma freira licenciada – Amélia Freira Rosa – estão presos na delegacia da Polícia Federal, nesta capital, como responsáveis diretos por um aparelho subversivo há dias descoberto em Colatina. (...) O antro de reuniões dos subversivos se localizava no bairro colatinense de Vila Lenira. (...) Um grande número de menores, em sua maioria estudantes está sendo ouvido pelas autoridades do DPF neste Estado, pois estavam esses sendo instruídos pelos chefes (freira e padre), sendo que alguns desses estudantes já tinham a incumbência de arregimentar outros jovens.” (Jornal A Gazeta, 1971).

Além da humilhação pública, os jovens também sofreram com os momentos de encarceramento, nos quais passaram por sessões de interrogatórios, sujeitos à tortura psicológica e física. Devido à repercussão do caso na época, e levando-se em conta as consequências do cárcere nas vidas dessas pessoas, foi de suma importância promover o relato e o registro desta história.

Para fazer justiça e dar vida a esse fato, foi escolhido o formato de livro-reportagem. De acordo com Edvaldo Pereira Lima, o livro-reportagem oferece uma fusão entre o jornalismo e a literatura, ao utilizar elementos do Jornalismo Literário. Assim, além da função

jornalística e informativa, a escrita do livro-reportagem pode ser mais prazerosa e atraente para o leitor.

A importância desse formato reside no fato de que, enquanto o jornalismo convencional encontra-se preso aos limites do meramente factual, atual e informativo, estruturado pelo uso do *lead* e da pirâmide invertida, o livro-reportagem rompe com essas barreiras e permite mais liberdade criativa. Neste sentido, faz-se relevante citar Edvaldo Pereira Lima que, em seu livro “O que é: Livro-Reportagem”, afirma:

É exatamente essa peculiaridade – de avançar as fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe – que transforma o livro-reportagem num produto cultural fascinante. Mais que simples repetidor de padrões e formas de praticar a comunicação jornalística com o público, esse veículo renova e dinamiza, principalmente quando trabalha, com todo o seu arsenal de possibilidades, a grande reportagem (LIMA, 1998, p. 7-8).

O livro-reportagem oferece, em sua concepção, um dinamismo que o torna uma grande reportagem, com mais profundidade e maior liberdade textual. Ele estende os limites do jornalismo convencional, na medida em que busca uma abordagem mais dinâmica da realidade.

Essa visão mais abrangente vem acompanhada da possibilidade de utilizar recursos da literatura, por meio dos elementos e conceitos do Jornalismo Literário. Alguns desses recursos são elencados por Tom Wolfe — considerado o maior representante dessa nova corrente jornalística —, e aparecem citados no livro “Jornalismo Literário”, de Felipe Pena. São eles: a reconstrução da história cena a cena, o registro completo dos diálogos, o uso dos pontos de vistas dos diferentes personagens, e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens (PENA, 2006).

O Jornalismo Literário surge em um momento no qual os jornalistas se encontravam cansados da limitação do jornalismo convencional, da padronização imposta pelo *lead*, da rapidez na produção das notícias e massificação dos conteúdos, entre outros.

Para Felipe Pena (2006), o Jornalismo Literário surge como alternativa a esse modo de produção jornalística. Segundo o autor, o jornalismo atual está a esquecer as causas da

coletividade e se transformar em uma atividade fútil e voltada para espetacularização, salvas algumas exceções. De acordo com Pena, o conceito de Jornalismo Literário é algo que vem para combater essa realidade:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários, e principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

Com base nos conceitos de Lima e Pena, o livro-reportagem proposto por esta pesquisa busca realizar o registro histórico de um episódio isolado, ocorrido em meio ao contexto ditatorial brasileiro. Além de buscar o resgate das memórias inerentes aos envolvidos no caso em questão, o presente trabalho contou com outros objetivos, que serão expostos no item seguinte.

2 OBJETIVO

O objetivo geral do livro-reportagem “Fé Atrás das Grades: A prisão de cinco jovens de Colatina durante a ditadura” é realizar o registro histórico de um episódio específico do período da ditadura no Espírito Santo, no qual integrantes de um grupo de jovens da Igreja Católica da cidade de Colatina se tornaram presos políticos.

Em relação a seus objetivos específicos, o livro tenta contribuir com novas informações sobre a época do regime militar no Brasil e no Espírito Santo, por meio da apuração dos fatos ocorridos e vivenciados pelos personagens naqueles dias, a partir do uso metodológico da entrevista em profundidade.

Além disso, este trabalho tenta colaborar para a adoção do livro-reportagem como uma forma de compreensão mais ampliada da realidade, por meio de sua capacidade de estender a função informativa e factual do jornalismo cotidiano. Busca também promover o uso acadêmico do livro-reportagem no campo da Comunicação, como uma nova possibilidade de ensino e experiência jornalística, e ainda contribuir para a efetivação dos Direitos Humanos como instrumento de combate contra qualquer processo discriminatório e de perseguição à liberdade individual, como foi a ditadura.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha de escrever um livro-reportagem partiu da vontade de contar uma história que marcou a vida de cinco rapazes e um padre de uma cidade do interior. Apesar de Colatina já ser, naquela época, um município importante no âmbito estadual, é difícil imaginar como a ditadura conseguiu avançar até uma cidade de pequeno porte, alcançando um grupo de jovens da igreja católica local, considerados meninos de boa índole pela comunidade. À época, as práticas ilegais e violentas do regime militar já estavam completamente institucionalizadas e os jovens que deram vida aos personagens principais do produto confeccionado por meio da presente pesquisa, foram mais algumas, dentre tantas vítimas acometidas por aquele contexto.

A escrita do livro, então, partiu desta vontade. As experiências vividas pelos personagens — algumas de cunho extremamente íntimo, como a tortura física e psicológica, além da humilhação pública que sofreram ao serem presos e a reação da comunidade conservadora —, surgem como matéria prima à confecção do livro-reportagem.

O episódio teve repercussão – manipulada pela ideologia governista – na imprensa estadual e nacional, como foi possível verificar na reportagem “Padre e Freira do Terror” do periódico “*O Jornal*”, pertencente aos Diários Associados. A matéria afirmava que os religiosos “instalaram um aparelho equipado para ensinar guerrilha aos jovens da região”.

Nesse sentido, entende-se que este trabalho é importante por trazer à tona uma história dentre as tantas outras que ocorreram em solo capixaba, durante a ditadura. Assim como muitas, esta é uma história sem desfecho judicial e sem registros documentais. E por isso, também — já que o estado do Espírito Santo ainda carece de documentação no que diz respeito à época do governo militar, visto que aqui também aconteceram casos de prisões políticas e desaparecimentos que ainda não foram completamente investigados — decidiu-se dar corpo à ideia do livro-reportagem.

Dessa forma, acredita-se que a realização deste trabalho servirá para contribuir com uma nova leva de informações apuradas, a partir do exercício jornalístico. Informações que irão auxiliar no registro histórico e documentação referente ao período da ditadura no Estado.

Não se pode deixar de destacar que neste ano de 2014 completa-se 50 anos do golpe militar de 1964. A imprensa nacional relembra as histórias e bastidores que levaram à “Revolução”, além de citar os desdobramentos e consequências dos mais de vinte anos da ditadura. Por conta desse contexto, acredita-se que a leitura deste livro-reportagem possa contribuir com novas informações sobre esse período.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A partir dos conceitos e definições do Jornalismo Literário, de Felipe Pena (2006), e da teoria sobre o livro-reportagem, de Edvaldo Pereira Lima (1998) (2009), obteve-se a base necessária para iniciar a coleta de informações por meio da pesquisa de campo.

Para realizar esta etapa escolheu-se o método da entrevista em profundidade. Uma vez que o conteúdo das entrevistas envolviam assuntos delicados, como a questão da tortura, decidiu-se que era necessária uma abordagem capaz de resgatar o valor do diálogo e a confiança na figura do entrevistador, para que o relato obtido fosse o mais verdadeiro possível.

Encontrou-se na entrevista em profundidade uma possibilidade de atender a esses quesitos, pois esta se mostrou um recurso metodológico destinado a obter respostas a partir da experiência subjetiva do entrevistado. Para Jorge Duarte, esse tipo de método oferece vantagens ao pesquisador:

Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística (DUARTE, 2006, p. 62).

A intensidade a que se refere Duarte baseia-se na própria experiência da fonte, suas vivências e conhecimentos, fatores que ajudam a enriquecer a entrevista de forma a obter relatos mais completos e abrangentes, além da possibilidade maior de estabelecer um diálogo entre o entrevistador e entrevistado.

Por meio desse diálogo consegue-se obter uma visão mais humanizada da entrevista, na qual o que realmente se deseja é uma melhor compreensão da realidade humana. Por isso ela não deve ser feita de forma fechada e impositiva, e sim de maneira aberta, tal qual A.

Garret a compreende (GARRET apud MEDINA, 1986, p. 10) como “a arte de ouvir, perguntar e conversar”.

Dentro desta visão humanizada da entrevista, a metodologia que mais se aproxima desta ótica é a entrevista em profundidade. Entre as tipologias existentes, escolheu-se a do tipo aberta, que proporciona mais liberdade nas respostas, como explica Duarte: “O entrevistado define as respostas segundo seus próprios termos, utilizando-se como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência” (DUARTE, 2006, p. 65).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Fé Atrás das Grades” é um livro-reportagem de 85 páginas que narra a história de cinco rapazes, presos durante a ditadura. Foi escrito em linguagem coloquial, para atrair o leitor e proporcionar uma leitura mais agradável.

Sua estrutura foi dividida em quatro capítulos, que seguem os acontecimentos em ordem cronológica. Os fatos foram organizados dessa forma para dar ao leitor uma ideia mais clara sobre tudo o que ocorreu naquele ano de 1971, em que se passa a história.

Inspirado nos conceitos do Jornalismo Literário, o livro faz uso de alguns recursos da literatura, como diálogos, descrição de personagens e ambientes. Procurou-se situar o leitor naquela realidade, ao apresentar a cidade de Colatina, ambientá-la, falar um pouco do seu cotidiano, assim como foi feito com o bairro de Vila Lenira.

Além da descrição espacial com ênfase aos detalhes cênicos, também foram utilizados trechos dos depoimentos dos personagens. Dentre os assuntos, fora abordada a questão da anistia política.

Acredita-se que, assim, a narrativa tornou-se mais fluida e verossímil, pois além de dar mais ritmo a história, possibilitou ao leitor a sensação de estar escutando a voz dos próprios personagens.

Foram incluídos, ainda, cópias dos documentos reunidos pelo processo de anistia política, em que constam depoimentos dos personagens e testemunhas da prisão. Além disso, a pesquisa sobre o histórico do regime militar mostrou-se fundamental para a escrita do livro, pois permitiu a compreensão dos fatos que antecederam e culminaram no golpe de 1964, além de todo o contexto dos mais de vinte anos de ditadura.

6 CONSIDERAÇÕES

Desde o início, teve-se a certeza de que fazer esse trabalho era uma excelente oportunidade para tornar pública uma rica história. O período do regime militar encobriu muitos fatos, vários deles foram esquecidos, porém este não será. Acredita-se que era necessário fazer esse relato, não só como uma maneira de honrar a memória dos personagens, mas também como forma de enviar uma mensagem aos responsáveis pela ditadura e a todos os brasileiros, possíveis leitores desta obra: a de que não podemos esquecer o passado se quisermos melhorar o futuro.

Os defensores da “revolução”, eufemismo dado ao golpe militar, argumentam que o país teve naquele período um desenvolvimento econômico “sem igual”, que a nação enriqueceu e se modernizou. Acreditam que a ditadura foi positiva para o Brasil.

Na verdade, parecem desconhecer ou ocultar os fatos. Realmente, o país se desenvolveu de forma rápida, porém, como foi demonstrado nesse trabalho, a riqueza não se repartiu. As desigualdades cresceram e o país mergulhou em uma recessão econômica que duraria anos.

Mas, o que essas pessoas ignoram, principalmente, são os absurdos cometidos pelas forças de segurança. A repressão violenta daqueles que deviam proteger, a tortura institucionalizada, a censura legalizada, os desaparecimentos, os assassinatos, os fuzilamentos, a violação do lar e da correspondência, a falta de direitos políticos e civis. Absurdos que os personagens do livro-reportagem viveram. Para eles, o regime militar não foi positivo. Muito pelo contrário.

Para a realização deste trabalho foi necessário compreender os conceitos do livro-reportagem, e buscar na história fundamentos para entender as relações entre o jornalismo e

literatura, além de estudar o histórico do regime militar, fundamental para a redação deste livro.

A possibilidade de abordar esse tipo de tema de forma mais aprofundada, em conjunto com o uso dos recursos da literatura, provou-se a maneira ideal para produzir esta longa reportagem que dificilmente teria o mesmo espaço em um jornal ou revista.

Os fatos que levaram os jovens à prisão foram esclarecidos, com a ajuda dos próprios envolvidos no caso, e também a partir da análise de documentos e depoimentos referentes ao processo de anistia política. A ordem dos acontecimentos dá uma ideia precisa ao leitor sobre tudo o que ocorreu naquele ano de 1971, em que a história se passa.

Por conta disso, acredita-se que o trabalho cumpriu seu objetivo inicial. Este livro-reportagem, por meio da união entre o olhar jornalístico e os recursos literários, consegue, de forma clara e objetiva, entregar ao leitor um relato fiel dos acontecimentos, uma parte da história de suas vidas que agora não será mais esquecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Muritlo de. **Cidadania no Brasil: o Longo Caminho**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2008.

COUTO, Ronaldo Costa. **História Indiscreta da Ditadura e da Abertura**. Rio de Janeiro. Record. 1999.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo. Atlas. 2006.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Derrotada**. São Paulo. Companhia das Letras. 2003.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. São Paulo. Record. 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-reportagem**. São Paulo. Brasiliense. 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. São Paulo. Manole. 2009.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à Pesquisa Bibliográfica: Guia do Estudante para a Fundamentação do Trabalho de Pesquisa**. São Paulo. Unimarco. 1996.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O Diálogo Possível**. São Paulo. Ática. 1986.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Contexto. 2006.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa Bibliográfica**. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio.

Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo. Atlas. 2006.